

Diagnóstico do presente na análise de discursos

Diagnostic du présent dans l'analyse des discours

Sandson de Souza Costa¹

Resumo: Este artigo explora as contribuições de Michel Foucault para a Análise do Discurso (AD), focalizando as concepções de história e diagnóstico do presente como ferramentas para investigar as possibilidades críticas da AD. O objetivo é discutir como empregar o diagnóstico do presente na análise discursiva, tomando o *slogan* bolsonarista “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” como objeto de estudo. Considera-se que esse enunciado emerge de condições de produção específicas, marcadas pela crise institucional e moral que atravessou o Brasil em 2018, pela retomada de discursos nacionalistas e religiosos, e pela circulação massiva de enunciados sacro-políticos nas mídias e nas práticas públicas. O *slogan* é examinado como uma materialidade discursiva que condensa sentidos provenientes de formações discursivas militaristas, religiosas e moralistas. A metodologia proposta é um exercício analítico de base arqueogenealógica, que considera as condições de emergência, os efeitos de verdade e as articulações do enunciado com discursos de poder-saber da racionalidade político-religiosa contemporânea. Demonstra-se que o diagnóstico do presente nos discursos constitui uma atitude crítica que suspende significações naturalizadas e compreende as condições históricas de emergência dos dizeres e seus efeitos de poder nas relações entre saber e política, o que permite uma crítica da experiência democrática.

Palavras-chave: Foucault; Análise do discurso; Política e religião; Poder pastoral; Diagnóstico do Presente.

Résumé: Cet article explore les contributions de Michel Foucault à l'Analyse du Discours (AD), en se concentrant sur les conceptions d'histoire et de diagnostic du présent comme outils pour examiner les potentialités critiques de l'AD. L'objectif est de discuter la manière d'employer le diagnostic du présent dans l'analyse discursive, en prenant pour objet d'étude le *slogan* bolsonariste « Brasil acima de tudo, Deus acima de todos ». On considère que cet énoncé émerge de conditions de production spécifiques, marquées par la crise institutionnelle et morale traversée par le Brésil en 2018, par la reprise de discours nationalistes et religieux, ainsi que par la circulation massive d'énoncés sacro-politiques dans les médias et les pratiques publiques. Le *slogan* est examiné comme une matérialité discursive condensant des significations issues de formations discursives militaristes, religieuses et moralisatrices. La méthodologie proposée est un exercice analytique de base archéogénéalogique, qui prend en compte les conditions d'émergence, les effets de vérité et les articulations de l'énoncé avec les discours de pouvoir-savoir de la rationalité politico-religieuse contemporaine. Il est démontré que le diagnostic du présent dans les discours constitue une attitude critique qui suspend les significations naturalisées et comprend les conditions historiques d'émergence des dires et leurs effets de pouvoir dans les relations entre savoir et politique, permettant ainsi une critique de l'expérience démocratique.

Mots-clés: Foucault; Analyse du discours; Politique et religion; Pouvoir pastoral; Diagnostic du présent.

Introdução

“Que as punições em geral e a prisão se originem de uma tecnologia do corpo talvez me tenham ensinado mais pelo presente do que pela história” (Foucault, 2014b, p. 33). Falar de uma *história do presente*, à primeira vista, pode parecer paradoxal. Não nos enganemos. Trata-se de uma provocação: a genealogia do presente quer abalar os

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/586633633422305>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3505-3869>. E-mail: sandson314@gmail.com.

saberes, os discursos vigentes que fornecem às práticas um suporte para a produção de tecnologias de poder, como as instituições e os mecanismos que ela mobiliza para construção de sujeitos e submetê-los a uma forma específica de poder. É no funcionamento das engrenagens que movimentam o poder, é nas estratégias discursivas, nas práticas disciplinares e de docilização vistas diante de nós, que podemos compreender a materialidade do poder. Contudo, é em termos de sua historicidade, é pelo campo de possibilidade de emergência, ou seja, das condições de produção, dessas práticas que se torna possível desestruturar as verdades que naturalizam a nossa atualidade.

A *caixa de ferramentas* deixada a nós por Foucault fornece um arcabouço teórico-metodológico para compreender as práticas que constituem as sociedades atuais. Dentre as várias áreas do conhecimento humano que se apropriam dessas ferramentas, a Análise do Discurso tem consolidado um estudo da produção do discurso a partir dessas delas, que nos servem como aportes para o exame das formações discursivas, da ordem do discurso, das relações de saber-poder e dos modos pelos quais se faz possível a modulação das subjetividades. No interior das condições de possibilidade de emergência histórica dos dizeres e seus efeitos materializados no enunciado, é possível abordar os objetos do discurso, não pela sua continuidade nem pela origem das verdades que naturalizam determinadas práticas e condutas em detrimento de outras, o modo que vivemos, sentimos, falamos, pensamos e nos comportamos; mas pela irrupção eminente das rupturas e descontinuidades do próprio sentido do objeto e das práticas que nos constitui como sujeitos consituíntes do saber. Esse, pelo qual, ao mesmo tempo, moldamos e por ele somos moldados.

Uma dessas ferramentas é o *diagnóstico do presente*, pelo qual se faz possível historicizar as nossas atualidades. Queremos, portanto, com esse artigo, discutir o manuseio dessa ferramenta tão fundamental para apreensão e compreensão dos nossos dias na Análise do Discurso, tomando como ponto de partida o enunciado “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, *slogan* da campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018, na análise do discurso. Tal enunciado emerge de um conjunto de condições de produção discursiva: i) a confluência entre o discurso militar e religioso; ii) a circulação midiática de um imaginário moralizante e patriótico; e, por fim, iii) o contexto de crise institucional e afetiva que redefiniu o espaço político brasileiro. Desse modo, ao reinscrever sentidos provenientes do nacionalismo, da moral cristã e da racionalidade

pastoral, o *slogan* manifesta uma materialidade privilegiada para o diagnóstico das formas atuais de exercício do poder e de constituição das subjetividades políticas.

Para tanto, discorreremos sobre a perspectiva genealógica foucaultiana num movimento de afunilamento para as concepções sobre esse diagnóstico como forma de olhar para os objetos do discurso nos eixos transversais que articulam as categorias de análise de enunciados, a fim de compreender como a Análise do Discurso pode operar como um estudo capaz de evidenciar as condições de emergência dos discursos, seus efeitos de verdade e as racionalidades que os sustentam.

Diagnóstico do presente, um movimento genealógico

A genealogia foucaultiana quer mostrar que os objetos do saber, as práticas, as instituições e tecnologias de poder tem uma história. Isto para arrancar a positividade que quer se servir do direito à verdade nos discursos. Essa genealogia liberta saberes enterrados, os vacilos e descontinuidades interditados e esquecidos para mostrar o sentido histórico das coisas (Foucault, 2021). Esse sentido histórico, Foucault traz de Nietzsche² e ele tira o *caráter sério* de qualquer tentativa de universalização da verdade dos discursos – a genealogia requer um riso constante (Foucault, 2014a), não para rechaçá-lo, mas para levá-lo ao extremo (Foucault, 2021).

Dito de outro modo, um sentido histórico que destrói as positivities que dão a nossa realidade o *status* de verdadeira, universal e única; a genealogia não tenta encontrar as raízes da origem da nossa identidade, mas quer dissipá-las: a identidade é uma construção entre muitas outras já construídas; deve-se destruir esse sujeito do conhecimento, o sujeito que desvela a verdade, que se impulsiona a descobrir a verdade. Deve-se sacrificá-lo. Portanto, não tomemos o discurso na nossa atualidade para levar a sério suas verdades: os saberes que subjetivam suas identidades são produções de acontecimentos históricos e, se não há nada de universal nestes, o riso deverá ser nosso guia.

Fazer uma história do presente dos discursos não quer dizer que se quer capturar o seu significado em um tempo passado, não se busca apreender o espírito de uma

² Na *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida* (1873-74), Nietzsche discorre sobre uma compreensão histórica do presente. Para ele “somente na medida em que a história serve à vida queremos servi-la. Mas há um grau que impulsiona a história e a avalia, onde a vida definha e se degrada: um fenômeno que por mais dolorosa que seja, descobre-se justamente agora, em meio aos sintomas mais peculiares do nosso tempo” (Nietzsche, 2003, p. 5).

época, as significações de um indivíduo, instituição, tampouco as leis basilares históricas (Dreyfus; Rabinow, 1995). Portanto não se trata de cometer o erro do anacronismo: não se projeta valores e significados do presente no passado, pois este tem condições de emergência diversas e diferentes. Esse erro resultaria na falácia do *presentismo*, pelo qual se busca, nos interesses, as instituições ou política de hoje para descobrir um paralelo ao passado e investir nele, questões atuais. Outro erro seria partir da ideia de um *finalismo*, como se quiséssemos encontrar a sua origem, a semente que se desenvolveu e resultou numa conjuntura finalizada do que se vê funcionando agora, no passado. Escrever uma história do presente é algo totalmente diferente. A questão é outra.

Para Foucault (2021, p. 80), o sentido histórico abrange três usos que se opõe à história platônica/metafísica:

Um é o uso paródico e destruidor da realidade que se opõe ao tema da história-reminiscência, reconhecimento; outro é o uso dissociativo e destruidor da identidade que se opõe à história-continuidade ou tradição; o terceiro é o uso sacrificial e destruidor da verdade que se opõe à história-conhecimento.

Segundo Dreyfus e Rabinow (1995), a abordagem genealógica começa de forma explícita e auto-reflexiva com um diagnóstico da situação atual. Há uma orientação contemporânea, inequívoca e imperturbável. Isto quer dizer que o historiador da genealogia circunscreve as manifestações de um “ritual” (Foucault, 2014b) específico de aplicação da tecnologias de poder para entender como se deu sua emergência, como tomou forma e como ganhou importância tal maneira de exercício do poder.

Exemplificando com *História da sexualidade*, o gesto investigativo que Foucault realiza é de isolar a confissão como o ritual de poder desenvolvida por uma tecnologia voltada ao corpo. Este gesto é mobilizado para mostrar que a confissão no passado não tem as mesmas significações de hoje. A sexualidade é colocada em discurso regida sob regras de rarefação³ do discurso para mostrar como essas práticas tiveram começos num passado longínquo, com a pastoral cristã. O cristianismo, estrategicamente, usou a confissão como tecnologia de controle e deu a tarefa fundamental de fazer todo o discurso da sexualidade pela palavra, pela confissão.

³ Rarefação no sentido de *ar rarefeito* que sufoca os discursos: as regras de produção, interdição e exclusão do discurso que fazem com que não se possa dizer qualquer coisa de qualquer forma, mas que se deva obedecer a ordem do discurso que se estabelece pela vontade de verdade dos discursos vigentes numa sociedade (Foucault, 2014a).

Com isso, de acordo com Dreyfus e Rabinow (1995), Foucault faz a história de um passado, com o objetivo de escrever uma história do presente. Isto nos coloca diante da ideia de que é necessário voltar aos começos, aos inícios das construções de saberes que permitiram a emergência do discurso no nosso contexto histórico e os mecanismos para o exercício de poder por ele mobilizados: quais tecnologias de controle são mobilizadas?

Dispositivos de poder nas formações históricas do discurso

Na análise da história do presente, Dreyfus e Rabinow (1995) destacam dois pontos importantes. O primeiro deles é que a posição tomada por Foucault não implica o funcionamento de uma construção arbitrária. Ele quer compreender, no exemplo da sexualidade, a confissão. Por isso se perguntou o que era a confissão para o passado e o que ela se tornou nos nossos dias. O que se busca nesse gesto é especificar um aparato de regulação pelo qual nossa experiência atual da sexualidade é construída. Isto é, por um conjunto de normas, saberes, relações de poder e práticas. Esse conjunto de relações Foucault descreveu como sendo um *dispositivo*. A análise desses dispositivos se concentra nas práticas sócio-culturais nas quais os saberes e o poder se entrecruzam. Ela abrange os discursos, instituições e estruturas arquitetônicas, regulamentos e leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas e a moral (Foucault, 1980).

Nesse sentido, é analisado tanto o *dito* quanto o *como* é dito, sua constituição e por onde circula, para entender o sistema de relações que o aparato pode estabelecer. É pensando em encontrar tais dispositivos, seus sistemas de relações instituições, normas e saberes que atravessam e constituem as práticas, que objetivamos diagnosticar a sua atualidade, o que se inscreve de novo e que difere daquilo que já existiu.

Para Deleuze (1990), um dispositivo comporta dimensões distintas, sendo duas delas, as curvas de visibilidade e de enunciação. A visibilidade é formada por linhas de luz que compõem figuras variáveis e, cada dispositivo tem seu regime de visibilidades, isto é, as regras que dão possibilidade de emergência ao aparecimento ou desaparecimento de um objeto. É a historicidade desses regimes de luz/visibilidade que nos compete investigar quanto ao funcionamento do dispositivo. A dimensão de enunciação remete às linhas pelas quais são distribuídas e variadas: os regimes de

enunciados produzem um saber, uma racionalidade, um “espírito epocal, um gênero literário ou um movimento social. Visto isso, é dos

regimes que é necessário definir pelo visível e pelo enunciável, com suas derivações, as suas transformações, as suas mutações. Em cada dispositivo as linhas atravessam limiares em função dos quais são estéticas, científicas, políticas, etc.” (Deleuze, 1990, p. 155).

Em terceiro lugar, o dispositivo comporta também linhas de força. Essas linhas de força dizem respeito às relações de poder que se entrecruzam com as demais dimensões, com as outras linhas, por todo o dispositivo. Elas estabelecem pontos de tensão entre os saberes produzidos e as práticas que exercem poder.

Nesse sentido, devemos levar em consideração que o dispositivo comporta diversas práticas constituintes de regimes, ritualísticos, de produção, não apenas de saberes/verdades, mas de meios para exercício de formas específicas de poder em determinados espaços e relações sociais. Posto isto, para a análise genealógica,

um enunciado não pode ser definido pelo que ele designa ou pelo que ele significa, o enunciado é uma curva que une pontos singulares, isto é, que efetua ou atualiza relações de forças [...], segundo ordens de frequência e de vizinhança. Esses pontos singulares, com suas relações de força, não são o próprio enunciado, são as formações históricas, aquilo que lhe pode ser estranhamente semelhante (Deleuze, 2005, p. 86).

Dito de outro modo: entendemos um discurso a partir da noção histórica da produção de saberes, do sentido histórico na articulação de práticas, instituições e produção discursiva, que devemos encontrar as ferramentas de análise dos enunciados. As formações históricas nos permitem compreender a aparição do dito, de um discurso, das suas linhas de força e de investimento, de visibilidade e enunciação. Compreendendo o enunciado, não pelo significante, mas por suas condições de emergência, podemos verificar o funcionamento de estratégias discursivas e seus efeitos de poder, as suas artimanhas usadas para estabelecer o *status* verdadeiro em um determinado discurso, o esquecimento ou apagamento de outros discursos para validação de um e exclusão do outro.

A crítica do esclarecimento

Fazer uma história do presente do discurso é compreender o funcionamento de suas formações históricas, como dissemos. A filosofia do diagnóstico do presente se caracteriza dessa forma porque faz uma crítica do presente ao se perguntar “o que somos nós hoje?” (Foucault, 2005) para em seguida apontar linhas possibilidades desse diagnóstico, as possibilidades de dispersão, de atualização: os *devires*. Desse modo,

o diagnóstico assim entendido não estabelece a constante de nossa identidade pelo jogo das distinções. Estabelece que somos diferença, que nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras. Que a diferença, longe de ser origem esquecida e recoberta, é a dispersão que somos e que fazemos (Foucault, 2017, p. 160).

Foucault (2005) toma o questionamento de Kant (2010) sobre a *Aufklärung*⁴ para refletir uma atitude crítica e pensar a atualidade. Para isso coloca em questão o que é o Iluminismo, o que são as luzes, a modernidade. Isto porque Kant não busca compreender um fio histórico que leva à uma realização futura ou pensar no presente como uma totalidade de um engendramento histórico linear. O problema é outro. “Ele busca uma diferença: qual a diferença que [o presente] introduz hoje em relação a ontem?” (Foucault, 2005, p. 337). O problema é introduzir uma interrogação filosófica que problematize a relação do presente com o modo histórico de ser e a constituição dos sujeitos autônomos, críticos. Isto é, para Foucault, a atitude crítica da *Aufklärung* está estritamente ligada à figura do intelectual por empregar um modelo investigativo histórico filosófico que tem como objetivo diagnosticar o que somos hoje.

Nesse sentido, buscaremos entender o que há de diferente dos elementos constitutivos do discurso da nossa atualidade em relação aos discursos de outros momentos, de outros lugares. Busca-se, por tanto, descrever e compreender, através dos enunciados, as transformações em diversas épocas e espaços, o que possibilitou rupturas para então analisar o que determina o novo nestas práticas específicas que só encontramos neste presente.

Essa atitude crítica pode ser, segundo Foucault (2005), caracterizada como uma *atitude-limite*: é preciso situar-nos nas fronteiras do agora com o devir, do presente com o vir-a-ser. Faz-se necessário não mais analisar as estruturas, as formas com valores universais, mas fazer uma análise histórica dos acontecimentos que deram possibilidade

⁴ Do alemão, *esclarecimento*.

de surgimento a forma como pensamos, como funcionam as racionalidades, uma análise do que constitui os sujeitos assujeitados de suas próprias atitudes, e os reconhecer no que dizem, entender as práticas presentes no nosso dia a dia, que nos atravessam, em nossas relações diárias com o outro e nós mesmos. Com isso, a crítica não tem por finalidade criar uma metafísica:

Ela é genealógica em seu objetivo: essa atitude crítica será genealógica no sentido de que ela não deduzirá da forma do que somos o que para nós é impossível fazer ou conhecer; mas ela deduzirá da contingência que nos fez ser o que somos a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos (Foucault, 2005, p. 348).

A pesquisa como diagnóstico do discurso e seus efeitos de poder no presente, portanto, não quer instituir novas verdades ou dimensões externas ao histórico; ela procura estar nos limites dos saberes, quer situar-se nas rupturas dos acontecimentos, nas emergências históricas, no que se atualiza para nós, e, por fim, como essas práticas atualizam o presente.

Desse modo, o que a atitude crítica intencionada evoca é a necessidade de compreender em quais medidas o que um discurso produz, para então compreendermos as formas pelas quais o poder se exerce e constituem neste determinado campo de possibilidades de problemáticas e objetividades que define os objetos de discurso, que estabelece certa ordem de funcionamento e modos de operação dos micropoderes e seus efeitos na nossa atualidade. É entender, portanto, a sua forma historicamente singular do presente. Retomando com Deleuze, a prática presente, que “constitui a única continuidade do passado ao presente, ou, inversamente, a maneira como o presente explica o passado. [...] Quais são os tipos de luta, transversais ou imediatos, mais que centralizados e mediatizados? [...] Qual é a nossa luz e qual é a nossa ‘verdade’ hoje?” (Deleuze, 2005, p. 122). Assim, o diagnóstico genealógico não nos fixa em uma identidade, mas nos abre à possibilidade de outros modos de ser, pensar e viver.

Um passado do presente no enunciado *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*

Consideremos o seguinte enunciado: *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*⁵. Os dizeres situam verticalmente duas hierarquias. Ao lançarmos olhar em sua direção

⁵ Slogan da campanha de Jair Messias Bolsonaro em 2018.

uma primeira vez, notam-se as posições de um elemento sobre outro – isto é, em relação à significação que resulta como efeito da disposição das palavras, dos jogos pertinentes à linguagem. É, portanto, possível dizer que há um juízo de valoração: no elemento “Brasil” é posto valor máximo. Está “acima de tudo”. O que seria então esse “tudo”? “Brasil” está acima de quê? Gramaticalmente, essa expressão é composta por um advérbio + preposição, seguida de um pronome indefinido. Considerando que o advérbio funciona como uma palavra intransitiva, necessita-se da presença de um complemento regido pela preposição “de”. No nosso caso, temos o complemento “de tudo”, que é um sintagma preposicional o qual a constituição do núcleo nominal é um pronome indefinido, escolha que ofusca o reconhecimento do referente. Se recorrermos apenas à estrutura ficaremos sem uma resposta satisfatória. A expressão pode parecer imperativa, mas também é sutilmente evasiva.

Contudo, se nos distanciarmos um pouco da forma, levando em conta as condições que deram possibilidade de emergência histórica ao enunciado (Foucault, 2017) a referência se revela. O *slogan* foi amplamente utilizado na campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018, e nele se condensam efeitos de verdade que articulam três formações discursivas: a militar, a religiosa e a moral-nacionalista. Um texto⁶ escrito pelo Coronel Casali em meio às eleições presidenciais de 2018 discorre sobre um outro momento em que a expressão “Brasil acima de tudo” foi usada. Afirma ele, “o brado ‘Brasil, acima de tudo’ é um dos símbolos de maior vibração e expressão entoado pelos integrantes da Brigada de Infantaria Paraquedista. Seu uso está difundido pelos quartéis do País, mas muitos descobrem sua origem e não entendem o significado do que entoam”. Que significados mencionados são esses que não entendemos? Que origem desconhecida é essa?

O “brado” foi criado por Valporto no período da Ditadura Militar Brasileira para servir como lema de um grupo nacionalista de oficiais de paraquedistas chamado *Centelha Nativista*. O movimento, segundo o texto, buscava resgatar os valores nacionalistas presentes nas Batalhas dos Guararapes⁷ e o combate contra a luta de classes e a ideologia marxista. Trata-se, pois, de um grupo reacionário que tinha como

⁶ Disponível em: http://www.cipqdt.eb.mil.br/download/trabalhos_cientificos/o_brado_brasil_acima_de_tudo.pdf. Acesso em: 05 jun. 2025.

⁷ De acordo com Gondim (2020), as Batalhas dos Guararapes são discursivizadas – sobretudo no período da Ditadura Militar brasileira – como sendo palco para construção da identidade do povo brasileiro. Aconteceu entre 1648 e 1649 na luta contra a investida holandesa no Nordeste do país. As forças que combateram os holandeses eram conhecidas como patriotas. Tais eventos são também considerados, nessa produção discursiva, responsáveis pela criação do exército brasileiro.

objetivo reestabelecer determinados valores e investir numa ofensiva contra comunistas no país. Para Stanley (2018), esse aspecto remete à elementos da racionalidade e política fascistas: não apenas por se tratar de uma conjuntura militar, mas pelo fato de que há também o apreço a um passado mítico, no qual os valores eram superiores e a eleição de um inimigo em comum, estabelecendo uma política extremista, segregacionista, do *nós e eles*. Eis as origens e os significados do lema que brada nos quartéis até os dias de hoje. Seria forçoso se a memória nos levasse à *Deutschland über alles*⁸?

O mesmo acontece quanto à estrutura da segunda parte do enunciado “Deus acima de todos”. “Deus” está acima, aparentemente, de algo indefinido, porém completamente expansivo: “todos”. Nesse momento, o discurso evocado aqui é o religioso – aos moldes fundamentalistas (Santos, 2014). Não é à toa. Marcar em seu lema o pertencimento à crença cristã é um fator fundamental para sua empreitada, visto que cerca de 87% da população brasileira se diz pertencente a alguma vertente do cristianismo⁹. É preciso, pois, não somente elevar a nação ao topo da hierarquia, mas também seus valores. Um apelo ao *pathos* social-religioso se faz necessário, na medida em que esse movimento também expõe o exercício de um *ratio pastoralis*⁸ (Foucault, 2008) como sua razão governamental, motivada pela onda conservadora (Burity, 2018) que, no Brasil, tomava dimensões tão altas quanto o substantivo “Deus” na hierarquia enunciada. A “onda” é aí acolhida e representada, arrastando seus valores à vitória.

No entanto, ambas as partes não estão dissociáveis. Eles (a Centelha) também tinham sua oração: “Assegurai à família e à gente brasileira tranquilidade e vida edificante, segundo a concepção cristã”. Livrai-nos da traição [...] e dos que solapam os valores permantes da nacionalidade”; e mandamentos como: “Incentivar o culto às tradições e o respeito à família, como base da nossa sociedade” e “ser rigoroso e inflexível na punição dos crimes contra o povo, o Estado e a Nação”.

De acordo com Gondim (2020, p. 197), a religião – católica – foi forte motivadora do espírito nacionalista na batalha dos Guararapes: “a fé é o ponto alto na descrição do sentimento patriótico surigido nas guerras de restauração, mais particularmente nas batalhas de Guararapes”¹⁰. Logo podemos visualizar quais valores a Centelha busca a

⁸ Do alemão: “Alemanha acima de tudo”. *Slogan* da Alemanha nazista.

⁹ Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=1&view=noticia>. Acesso em: 05 jun. 2025.

¹⁰ Trechos da oração e dos mandamentos do grupo de paraquedistas *Centelha* presentes no documento regido por Casali.

resgatar dos patriotas.

Nesse contexto, se nos detivermos diante da questão foucaultiana “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2017, p. 31), percebemos que o *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” emerge de um cruzamento entre formações discursivas heterogêneas que se reconhecem mutuamente: o nacionalismo militar e o moralismo cristão. As condições de produção desse dizer envolvem a conjuntura política das eleições de 2018, mas também um conjunto de práticas e instituições que o legitimam – igrejas, mídias religiosas, corporações militares e redes sociais digitais –, as quais configuram o campo de enunciabilidade do bolsonarismo. Por essa razão, pode-se dizer que há um teor belicoso nos dois acontecimentos, à medida em que ambos defendem – seja a nível armado e coercitivo, na Ditadura Militar brasileira, ou das instâncias de confronto político, da campanha ao exercício do governo Bolsonaro – a sustentação de um discurso, de uma produção de verdades, tendo como fundamento a relação política-pátria-moral religiosa. Tal discurso é o alicerce que justifica práticas de exclusão do discurso outro e o ataque a condutas e concepções morais que se distanciam daqueles consideradas ideais para a sociedade. Contudo, os valores que estão representados no *slogan*, embora movimentem essas memórias, têm formas específicas de aparição. Isso, visto que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (Foucault, 2014a. p. 25).

Nessa perspectiva, as condições dos dizeres remetem tanto à materialidade linguística quanto à rede institucional que lhe dá suporte: como dissemos, igrejas, forças armadas, mídias digitais e movimentos de direita que sustentam a narrativa sobre a nação e a fé cristã. Cada uma dessas instâncias funciona como ponto de condensação discursiva que produz efeitos de sentido específicos, como o dever patriótico, a submissão ao divino, o medo da corrupção moral e a purificação da política. Com efeito, compreender o enunciado “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” implica diagnosticar as práticas sociais, as posições-sujeito e os regimes de verdade que o tornam possível e a forma como são materializados na língua.

Dito de outro modo, as condições que possibilitaram a emergência do *slogan* da campanha bolsonarista – isto é, a ascensão do fundamentalismo cristão na política brasileira – configuram-se por um duplo movimento: de um lado, a adesão de atores políticos à linguagem, aos valores e à cosmovisão religiosas, que reconfiguram o espaço social em termos de batalhas espirituais; de outro, o reconhecimento identitário, por parte

dos fiéis-eleitores, de um pertencimento que confere legitimidade moral e afetiva a esse discurso. Tais condições compõem uma roupagem histórica singular, marcada por articulações específicas entre o religioso e o político, que, embora retomem regularidades do passado, instauram novos modos de funcionamento do poder pastoral na esfera pública.

Nessa conjuntura, conforme elaboramos, há indícios de discursos fundamentalistas, tomando o aspecto bélico aí presente, dado que para Armstrong (2001, p. 9), as práticas fundamentalistas “[...] são formas de espiritualidade combativas, que surgiram como reação a alguma crise. Enfrentam inimigos cujas políticas e crenças secularistas parecem contrárias à religião”. Segundo Nietzsche (2009), a moral cristã resulta de um ressentimento para com o mundo, uma vez que não consegue conter as rupturas que ocorrem quanto ao seu domínio sobre a sociedade. Isto parece indicar uma motivação forte para o combate a valores considerados inadequados ou corrosivos pelos discursos fundamentalistas, pois estes, advêm do pecado e condenam o país à “ruína”.

No que diz respeito à política brasileira, a presença do discurso religioso-cristão manifesta demasiada recorrência a essas práticas fundamentalistas. O apelo ao discurso religioso na política ganha força nas últimas décadas e ocupa espaços expressivos, como é o caso da Frente Parlamentar Evangélica que hoje, por exemplo, conta com um número mais alto de representantes que em qualquer outra época¹¹. Com o surgimento de Bolsonaro como candidato a Presidente da República nas eleições de 2018 a extrema direita enxerga a possibilidade de expandir o exercício de *poder pastoral* (Foucault, 2008), tomando um contexto crítico e de crises diversas como palco propício para eleger seu representante.

Com pautas de viés conservador, coadunando com o neoliberalismo e com o discurso religioso, a campanha criou uma atmosfera de campo de batalha entre os valores cristãos de direita e os valores associados à esquerda dos governos anteriores. São discursos e atitudes políticas que, por meio de enunciados que evocam uma moral cristã e nacionalista – como “defesa da família”, “valores de Deus”, “a verdadeira nação” –, produzem efeitos de sentido de universalização do “bem” e do “mal”. O “bem” aparece discursivamente identificado ao que é “de Deus” e “da pátria”, enquanto o “mal” se associa ao que ameaça essa ordem moral, seja o comunismo, o feminismo ou qualquer figura

¹¹ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010>. Acesso em: 05 jun. 2025.

construída como inimiga. Nessa perspectiva, institui-se uma vontade de verdade baseada na moral e na doutrina fundamentalista, que legitima determinadas condutas e exclui outras tidas como desviantes. Esse contexto, por exemplo, dá as condições de possibilidade de emergência da máxima “Deus, pátria e família” e dos efeitos que ela produz quanto ao exercício do poder, ao naturalizar o vínculo entre fé, moralidade e autoridade política.

Dentre as pautas mais debatidas por essa relação discursiva estão a moral e religião, noções de família, mulher, gênero e questões de sexualidade (Almeida, 2019). Quanto ao tema *aborto*, projetos de lei contrários a essa pauta – que diverge da visão cristã conservadora – vêm batendo recordes¹². Os modos de subjetivação que compõem as minorias são o alvo desses discursos que flertam com o neofascismo (Piovezani; Gentili, 2020), na medida em que há a construção de uma narrativa na qual esses grupos considerados minoritários representam um mal a ser eliminado em nome dos princípios cristãos e da integridade pública – o que também constitui uma prática fundamentalista. Para Armstrong (2001), os fundamentalistas elaboram um plano de ação na luta para ressacralizar o mundo. Trava-se, então, uma guerra escatológica em meio à atuação política, fazendo uso de um discurso universalizante e irreduzível, para delimitar qual a conduta social adequada e, além disso, a conduta inadequada.

Com efeito, observa-se nesses acontecimentos a movimentação de estratégias discursivas que visam impor aquilo que, com base numa instituição da verdade, seria o ideal para a sociedade – a isso, Foucault (2011) coloca como sendo um *regime de verdade*. Nesse sentido, o discurso fundamentalista toma como ferramenta para mobilização de massas, de ideias radicais e excludentes, o campo de atuação política. Bem como afirma Ferreira (2020, p. 61):

Para que esse posicionamento seja legítimo, é construída toda uma performance em torno da maneira como o debate será travado. Os atores religiosos passam a se apropriar de toda uma série de recursos próprios do ambiente político, na qual códigos, linguagens e toda uma gramática performática são construídos e acionados para defender juridicamente uma concepção religiosa, através de uma roupagem política.

Para tanto, o uso do discurso religioso atende a seus interesses e é consideravelmente determinante, posto que há nessa produção discursiva, um benefício

¹² Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010..> Acesso em; 05 jun. 2025.

mútuo: se por um lado a política usa a moral cristã como ferramenta estratégica para ocupar espaços e exercer poder, por outro, uma população, a qual sua esmagadora maioria tem o cristianismo como fundamento de seus valores, pode se sentir acolhida. Sobretudo, aquela parcela mais conservadora que deseja ter sua fé como prisma para estabelecer uma normatização das condutas, do fazer político e dos valores sociais.

O enunciado opera, desse modo, como uma espécie de ponto de convergência de formações discursivas distintas, que se reconfiguram no interior de uma racionalidade governamental de tipo pastoral. A partir dessa imbricação, ao instaurar uma hierarquia entre o sagrado e o profano, o moral e o imoral, o “nós” e o “eles”, o *slogan* produz efeitos de sentido que reforçam a separação entre os que pertencem à comunidade dos “justos” e aqueles que devem ser combatidos em nome da pátria e de Deus. Nessa operação discursiva, a forma sintática “acima de” manifesta, para além da expressão de uma crença, a materialização linguística de uma relação de poder, na medida em que as relações discursivas nela presentes nos permite compreender o funcionamento que ordena o espaço social e moral sob a perspectiva da subordinação e da pureza. Trata-se, portanto, de uma estratégia discursiva pela qual o dizer adquire força política ao mesmo tempo que naturaliza os valores que o sustentam.

O percurso que fizemos em torno do *slogan* bolsonarista até então, serviu-nos para demonstrar como determinadas práticas discursivas atravessam o campo político e religioso e configuram o discurso fundamentalista que se consolidou durante o governo Bolsonaro. Observa-se que o *slogan*, ao articular os eixos “pátria” e “Deus”, condensam-se memórias históricas, sejam elas militares, nacionalistas e/ou cristãs e produz efeitos de sentido que se cristalizam socialmente por meio de sua repetição ritualizada em espaços públicos, templos, manifestações e mídias digitais. Essa repetição, funciona menos como mera reprodução e mais como uma forma de constituir o próprio mecanismo de naturalização do dizer: quanto mais o enunciado circula, mais ele se afirma como evidência moral e verdade política.

Desse modo, o que se deixa ver é como os efeitos do *slogan* não são estáticos; eles se atualizam a cada novo acontecimento discursivo que o reinscreve em diferentes práticas de enunciação, ora numa oração coletiva, num discurso parlamentar, ora num *post* de rede social. É nesse processo de circulação e reatualização que se cristalizam certos modos de ser e de pertencer, na medida em que articulam afetos e identificações em torno da promessa de um Brasil moralmente restaurado. O enunciado “Brasil acima

de tudo, Deus acima de todos” torna-se, com isso, uma forma discursiva de governo das condutas, que opera pela reverberação e pela crença compartilhada, o que permite, nesse caso, legitimar a exclusão do outro e a homogeneização sob a aparente defesa de princípios de fé e do patriotismo.

Considerações finais

O presente artigo buscou compreender como a Análise do Discurso pode operar como ferramenta de diagnóstico do presente, permitindo identificar, nas materialidades linguísticas e políticas, as formas atuais de exercício do poder. Tomando o *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” como objeto de análise, procuramos demonstrar como ele condensa práticas discursivas que articulam o religioso, o moral e o nacionalista, prática que permite o exercício de um regime de verdade no qual a fé e a política se entrelaçam como dimensões indissociáveis da vida pública.

Nesse liame, as condições de emergência desse enunciado remontam à crise institucional e afetiva que atravessou o Brasil em 2018, quando a desconfiança nas instituições e o ressentimento moral criaram terreno propício para o retorno de discursos autoritários e moralizantes. Já as condições de produção vinculam-se ao entrecruzamento de formações discursivas – a saber, militar, pastoral e neoliberal – que possibilitam ao dizer bolsonarista sua gramática de salvação, sacrifício e redenção nacional.

Nessas condições específicas, o *slogan* produz efeitos de sentido que naturalizam uma visão hierárquica e excludente do mundo: o Brasil é elevado a valor supremo e Deus a fundamento moral absoluto. Esses efeitos, entre outras coisas, não se limitam ao plano semântico: eles se materializam na repetição, reverberação, transformação e conservação social do enunciado, em sua circulação por redes religiosas, midiáticas e políticas, nos quais se cristalizam como evidências incontestáveis, vistas as memórias discursivas compartilhadas no interior da formação discursiva analisada.

O discurso, ao operar dessa forma, engendra subjetividades específicas, o “cidadão de bem”, o “povo de Deus”, o “soldado da pátria”, que se reconhecem e se acolhem mutuamente no espelho do *slogan* e passam a agir conforme seus imperativos morais. Tais identidades são, elas mesmas, produtos de uma tecnologia discursiva de governo das condutas, que reconfigura o espaço público em termos de pureza,

pertencimento e combate espiritual.

Por fim, as práticas sociais contemporâneas atravessadas por esse dizer – como cultos, manifestações políticas, campanhas eleitorais e os meios digitais – permitem demonstrar como o *slogan* funciona como operador de coesão e controle. Ele atualiza, sob nova roupagem, velhas, mas atualizadas, racionalidades de poder pastoral, converte crenças religiosas em instrumentos de legitimação política e redefine os limiares do pensável e do aceitável no presente.

Com efeito, compreender o *slogan* como prática discursiva é compreender como discursos do passado retornam para organizar o agora, não como repetições de já-ditos alhures, mas como acontecimentos que instauram novas formas de verdade e de sujeição. O diagnóstico do presente, nesse sentido, possibilita desconstruir o caráter fixo das identidades e das essências, na medida em que concebe o pensamento, as condutas no interior da historicidade dos dizeres e das possibilidades de transformação que emergem quando os discursos dominantes são interrogados em suas condições de produção e em seus efeitos de poder.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos Estudos CEBRAP (Online)*, v. 38, n. 1, p. 185–213, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/v38n1/1980-5403-nec-38-01-185.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.25091/S01013300201900010010>.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Tradução de Hildegard Feist. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.
- BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (orgs.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. p. 15–66.
- DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. In: DELEUZE, Gilles. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155–161.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de Cláudia Sant'anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FERREIRA, Manuela Lowenthal. Evangélicos e extrema direita no Brasil: um projeto de poder. *Revista Fim do Mundo*, n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/10204>. Acesso em: 5 jun. 2025. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2675-3871.2020.v1n01.p46-71>

FOUCAULT, Michel. O que são as luzes? In: *Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Editora Forense Universitária, 2005. p. 335-351.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: excertos*. Tradução de Bruno Andreotti. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GONDIM, Amanda Marques. A identidade nacional nas batalhas dos Guararapes. *Revista Fórum Identidades*. Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 31, n.1, p. 189-204, jun. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/14807>. Acesso em: 5 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião*. Comunicação Social, 29 jun. 2012.. Acesso em: 5 jun. 2025.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que que é “Esclarecimento”? (Aufklärung) In: *Textos Seletos*. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes e Raimundo Vier. Petrópolis: Editora Vozes, 2010, p. 63-77.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia do moral: uma polêmica*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: das utilidades e desvantagem da história para a vida*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. *A linguagem fascista*. São Paulo: Hedra, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um activista dos direitos humanos*. Coimbra: Edições Almedina, 2014.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo*. Tradução: Bruno Alexander. Porto Alegre - RS: L & PM, 2018.